

8B4
Pt 196
ex 15 mg 01

57/10/13
Jornal do Brasil

FOLCLORE

Caminhos e Fronteiras

436 Reginaldo Guimarães

Ao iniciar a série monumental dos Documentos Brasileiros, com *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda revelou-se um estudioso dedicado e erudito da formação cultural do nosso povo. E, embora não concordemos com algumas de suas conclusões, achamos que esse trabalho tornou-se um livro básico, não só pela seriedade que o autor encara os assuntos, analisando-os nas suas minúcias, ou expondo-os à luz de várias teorias, como pela valiosa informação bibliográfica que apresenta.

Agora, os horizontes dessa obra se alargaram ainda mais com a publicação de *Caminhos e Fronteiras*. As qualidades apontadas em *Raízes do Brasil* como que se aprimoraram, notando-se no escritor mais serenidade, melhor exposição do documentário e menos preocupação interpretativa. Isso sem falarmos numa qualidade rara entre os nossos ensaístas — clareza de linguagem. Ele escreve na ordem direta, com precisão, sem usar artifícios de colorido estilístico, num aticismo invulgar.

Prefaciando o seu livro, ou melhor, explicando ao leitor a razão de ser de *Caminhos e Fronteiras*, Sérgio Buarque de Holanda explica-o como resultado da reunião e desenvolvimento de vários ensaios e conferências publicados na imprensa. À primeira vista poderíamos pensar num trabalho irregular, improvisado, parecendo mais uma coletânea que um estudo uniforme. Entretanto nada disso se deduz da sua leitura. Do princípio ao fim notamos uma unidade que denuncia forçosamente o espírito de planificação que norteou a execução da obra. Antes os ensaios e conferências não foram mais do que partes desse estudo publicados com antecedência, inclusive para receber a análise da crítica que iria ser-lhe útil, conforme frisa no prefácio.

Começando o livro com o capítulo *Veredas de pé posto*, faz uma observação objetiva — “em quase tudo, os adventícios deveram habituar-se às soluções e muitas vezes aos recursos materiais dos primitivos moradores da terra”. Foi essa capacidade de adaptação do homem branco e do mestiço ao meio que conseguiu transformar em realidade a colonização do Brasil por uma nação cujo índice demográfico era dos mais baixos da Europa. Não fôra isso e o nosso País seria hoje uma selva infestada de bárbaros. E no caso de São Paulo, que Sérgio Buarque estuda, suas terras não teriam sido varadas de ponta a ponta pelos audaciosos bandeirantes se estes não houvessem aprendido com os indígenas como resistir ao “habitat”, ou guiar-se pelas veredas, seguindo o seu faro selvagem.

Tôda a penetração do civilizador e seus descendentes pelas terras de Piratininga foi estudada nos seus menores detalhes. Não se esquece da luta contra a fome, a sede, o vestuário, o transporte, os insetos, de tudo que dificultara a conquista da nova terra pelos cobiçosos aventureiros.

Em delicioso capítulo, cheio de pesquisas originais, estuda a importância do mel e da cera de abelha nos primeiros centenários de nossa colonização. Estuda as melzinhas, os artesanatos, a cultura da terra, as técnicas rurais, as tropas, as rédes e redeiras, apresentando uma documentação segura e um bom senso incomum.

Sem desprezar as ciências afins da Sociologia e da História, sem querer transformar o processo da formação cultural de Piratininga em um fenômeno meramente sociológico e histórico, Sérgio Buarque de Holanda dá-nos um estudo mais objetivo que *Raízes do Brasil*. Daí a riqueza de material folclórico, etnográfico e lingüístico que há espalhado pelo *Caminhos e Fronteiras*, tornando-o um livro raro, obra de erudição e trabalho.

Jornal do Brasil

13.10.57